# Papo reto com os políticos do futuro sobre democracia


## MAURÍCIO DA SILVA DUARTE

***Sobre o autor:***

***Maurício da Silva Duarte**. Pós-doutor e doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, mestre em Sociologia pelo IUPERJ, graduado em História e Jornalismo, ambos pela UFF. É servidor do TRE-RJ.*



## RESUMO

O presente trabalho traça um panorama do fenômeno cultural da Modernidade e de alguns de seus elementos constitutivos, como o progresso tecnológico, a ascensão de uma esfera pública não-estatal, as novas formas de lutas políticas e consciência. Propõe então, como conclusão, um conjunto de perguntas para que o leitor analise sua própria adesão à democracia, segundo os parâmetros iluministas e emancipacionistas da Modernidade.



**Palavras chave:** democracia, direitos humanos, mídia e jornalismo.



## ABSTRACT

This work provides an overview of the cultural phenomenon of Modernity and some of its constitutive elements, such as technological progress, the rise of a non-state public sphere, the new forms of political struggles and conscience. It then proposes, as a conclusion, a set of questions for the reader to analyze his own adherence to democracy, according to the enlightenment and emancipationist parameters of Modernity.



**Keywords:** democracy, human rights, media and journalism.

## INTRODUÇÃO

O que democracia tem a ver com a qualidade do ensino público ou o valor do seu salário? Você já reparou que a zona sul e as áreas mais ricas da cidade possuem rede de água de esgoto, enquanto nas áreas pobres é comum ver valas negras e esgoto a céu aberto? A democracia pode estender a rede de esgoto aos locais pobres ou eu apenas posso votar em representantes e esperar que eles façam os serviços públicos? Democracia tem a ver com o Estado e os governos? Essas perguntas nada têm de descabidas. A democracia é um produto humano, tem uma história de sucessos e fracassos. O mais importante: tem a cara da sociedade, depende de sacrifícios pessoais e coletivos que fazemos para conquistar direitos e também resistências de todos os grupos sociais que nada querem mudar, querem deixar o mundo como está.

O cidadão está mergulhado no mundo. A sua visão da realidade e as perguntas e respostas sobre o grau de liberdade, tolerância e igualdade sociais que pretende que exista na sua vida estão ligadas ao tipo de sociedade em que ele vive, ao momento histórico a que está conectado.

Cidadania e democracia como entendemos é recente, devem-se à ascensão do liberalismo no final do século XVIII e do XIX. Mas era limitada aos direitos civis, à noção de liberdade individual. Não era pouco para aquela época. Mas a noção liberal de democracia estava apoiada na propriedade. Na verdade, no mérito pessoal. O problema é que os liberais daquela época associavam mérito pessoal à quantidade de bens que você tem ou com o quanto você recebe de grana. Era um mundo estranho, não acha? Ainda bem que ninguém mais pensa assim, né?

Mas a democracia viveu ondas profundas transformações, ocorridas ao longo do século XX e, depois, no século XXI. No início do século passado, a população ocidental sentiu o avanço capitalista em todo o planeta: o

imperialismo e as brutalidades contra os povos, as guerras mundiais, os golpes de Estado e instalação das mais sangrentas ditaduras. Também a ascensão das lutas dos povos oprimidos, as revoluções operárias, os movimentos feministas, as tentativas de construção do socialismo, com todas as contradições dele, de lutar pela liberdade e defender a ditadura do proletariado.

A vida cotidiana também foi profundamente alterada. No seu berço, estavam as novas máquinas de transporte (avião, automóvel) e comunicação (rádio, cinema, discos). Já vivíamos várias transformações importantes, uma delas fundamental. Até o século XIX, apenas o Estado era um canal público de demandas e debates dos interesses do cidadão. Chamamos isso de esfera pública. Pois no final século XIX já havia surgido uma esfera pública não-estatal, em que as pessoas discutiam os seus interesses como cidadãos. Qual era? Quem responde é o filósofo Habermas, autor célebre de uma teoria da comunicação (a da Ação Comunicativa).

Habermas diz que as mudanças estruturais da esfera pública aconteceram com o surgimento do Jornalismo profissional, empresarial, na Europa Ocidental. Nos cafés e bares burgueses da Europa, as pessoas se reuniam para ler as notícias e debater questões de interesse público e do cidadão, em geral. Essa não vai ser uma transformação pequena. Todos as organizações da sociedade civil agora vão contar com o apoio de uma nova entidade, que surge disso: aquilo que costumamos chamar de "opinião pública".

"O público que se dane!", é a frase de um empresário americano, barão das ferrovias por lá, o Vanderbilt. Ele teve que recuar, pois a pressão da opinião pública foi gigante e ameaçou os negócios dele. Outro exemplo? Na França, condenaram injustamente um oficial judeu do Exército por espionagem, o capitão Dreyfus. Puro racismo. Quem mobilizou a sociedade francesa, desencadeando um movimento que resultou na absolvição do capitão e sua recondução ao Exército? Um jornalista chamado Émile Zola, que escreveu um

artigo de capa no jornal Aurore e criou uma comoção social. Jornalismo e opinião pública são as grandes novidades democráticas do final do XIX,

As mudanças seriam maiores no século XX, quando a tecnologia anunciava uma novidade a cada momento. O jornalismo também ajudou à ideia de novidade, ao publicar periodicamente as News ou notícias. Era uma nova marcação do tempo psicológico das pessoas, mas também uma forma de ser descolado naquele tempo. Desde então a palavra *moderno* passou a frequentar o vocabulário das pessoas. Fala-se no carro *moderno*, na roupa *moderna*, na mulher *moderna*, na escola *moderna*, nas cidades *modernas*, no governo e nos políticos *modernos*, nos objetos *modernos* e daí em diante. Geralmente, associamos o moderno a ideias tais como: novidade, progresso, mudança, tecnologia, ciência, desenvolvimento.

Na Europa, realmente o mundo antigo estava sob violenta destruição. Para começar, houve a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ela não significou apenas a morte de milhões de seres humanos e a devastação econômica européia. Com ela, ruíram os últimos impérios europeus. Havia acabado o tempo da nobreza, dos vestidos longos em bailes com valsas vienenses, das noites na ópera para Offenbach e Wagner, dos oficiais de roupas galantes e espadim. Os novos tempos eram das grandes empresas capitalistas, dos lucros fabulosos e de investimentos no mundo inteiro, da bolsa de valores, das negociações pelo telefone, do imperialismo, das viagens de avião para assinar contratos milionários, da publicidade espalhada pela cidade, dos documentos na máquina de escrever, das rivalidades comerciais levadas até as últimas consequências.

Os Estados Unidos saíram como a grande potência vencedora da I Guerra. Eles trouxeram ou consolidaram os valores triunfantes: individualismo, democracia, busca frenética pelos lucros, tecnologia diretamente aplicada à produção.

Nas sociedades tradicionais, pré-capitalistas, as normas de conduta, leis e costumes, modificavam-se com lentidão, podiam levar séculos. Na sociedade moderna, a comunicação, os meios de locomoção e os recursos tecnológicos aceleraram freneticamente a vida. Um novo tipo de homem surgia no Ocidente: o homem-massa. O homem da multidão das grandes cidades, esmagada no metrô, correndo para o trabalho, atrás da melhor oportunidade financeira, coração batendo forte. Os novos tempos da máquina e das flutuações vertiginosas do mercado exigiam velocidade nas respostas.

O mundo estava sendo virado de ponta a cabeça. O velho era dinamitado pelos novos acontecimentos.

## AVANÇO TECNOLÓGICO E ARTE MODERNISTA

A tecnologia muda a vida cotidiana e a cabeça das pessoas. A I Guerra inaugurou ou difundiu o uso dos aviões, dos tanques de guerra, dos submarinos, dos gases mortais pulverizados sobre as trincheiras (guerra química), da metralhadora. Nos primeiros vinte anos do século XX, muitos aparelhos estrearam em milhões de lares europeus e americanos: o toca-discos, o rádio, o ventilador, a geladeira e — maravilha das maravilhas — o automóvel. A classe média entrava na era do consumo de massas.

A mudança tecnológica atingia o mundo da Publicidade, que mostrou a sua força ao arregimentar jovens para a guerra europeia. Na tecnologia cultural, o toca-discos e o rádio permitiram que milhões de pessoas pudessem ouvir música em casa. Isto fez com que a arte pudesse ser reproduzida quase infinitamente: um teatro de ópera tem 800 lugares, mas agora se podiam vender 80 mil discos com árias de Verdi e Puccini cantadas pelo tenor Enrico Caruso. Viajar ficou mais rápido e barato com o automóvel e os aviões. Portanto, o contato entre os povos, a difusão das novas ideias culturais, eram muito mais

rápidos. Tudo isso abriu uma longa estrada para a Publicidade vender serviços e também os novos valores modernos.

As novas tecnologias e a publicidade possibilitaram tornar a cultura em mercadoria e as mercadorias em arte, pela publicidade. Arte em mercadorias culturais que podia ser vendida a milhões de consumidores: discos, programas de rádio, sessões de cinema. Surgia a *indústria cultural*, que envolvia investimentos e lucros de milhões de dólares.

## INDÚSTRIA CULTURAL

Num trabalho famoso, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica,* o filósofo alemão Walter Benjamin mostrou que a tecnologia permitia reproduzir obras de arte para milhões de pessoas. Havia livros com fotos coloridas de pinturas famosas, discos de sinfonias de Beethoven. Especialmente, havia o cinema. Assim, a arte perdeu aquela *aura* de objeto raro, venerado religiosamente no pedestal, acessível apenas para alguns iniciados. Desprovida da *aura*, a arte aproximou-se das massas. Otimista, Benjamin gostava dessa mudança. Acreditava que seria possível criar uma nova arte para as grandes multidões, principalmente pelo cinema[1].

O filósofo alemão Adorno criticava Benjamin neste ponto. Acusava-o de certa ingenuidade. Para Adorno, o capitalismo criou a *Indústria Cultural*, que destruiu o respeito à arte tradicional. Ela teria forjado uma espécie de baixa cultura, caracterizada por obras muito simples na forma e no conteúdo, que podem ser absorvidas facilmente pelas multidões. Superficiais e repetitivas, são antes de tudo um grande negócio. A grande indústria imporia padrões de gosto sobre as multidões, facilmente digeríveis.

[1] Cf. KONDER, Leandro. *Walter Benjamin. O marxismo da melancolia.* Rio de Janeiro, Campus, 1988. Sobre este tema, a pág. 67 em diante. O texto clássico de Benjamin está no volume Benjamin. Adorno. Horkheimer. Habermas. da coleção *Os Pensadores* da Abril Cultural, São Paulo, 1980, e chama-se *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.*

Volta e meia a indústria cultural elabora o constante movimento de criação e recriação destes produtos, que vendem muitos discos e entradas de cinema. Desta forma, teria surgido um tipo de cultura mesquinha, que tornaria o espectador um consumidor passivo. Alienado, ele não seria levado a refletir sobre sua situação no mundo, tornando-se mero escravo dos meios de comunicação[2].

No cinema, esta polêmica entre a possibilidade de se criar uma arte de massas libertadora (Benjamin) e uma indústria cultural que produz tolices que submetem as pessoas em troca de dinheiro (Adorno) representou o grande desafio para os artistas do século XX. O cinema é uma diversão lucrativa que aliena as pessoas, que se tornam politicamente acomodadas? É possível fazer um cinema de arte? Um cinema de arte será compreendido e apreciado sempre por uma minoria? Os ditos filmes de arte são apreciados por uns poucos porque o público é ignorante, porque a massa jamais entenderá as obras de artes, ou porque o cinema de arte é aborrecido mesmo? Existe uma cultura superior que faz cinema de arte ou isto é preconceito dos aristocratas do gosto, que não sabem apreciar o cinema para o grande público?

Décadas depois de Adorno e Benjamin terem debatido essas questões, ainda temos dúvidas se a democracia chegou ao mundo da arte e da cultura pelo mercado ou se deveríamos mantê-la apenas como experiência sensível de alguns aristocratas, para garantir a qualidade. O que você acha?

[2] **(6)** Cf. COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural.* Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense. A exposição crítica das teorias estéticas de Benjamin e Adorno está em EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993, capítulos 12 e 13. Há uma exposição do debate sobre a mercantilização da cultura em FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura...,* 1995, pp. 33-55. Existe uma coletânea de textos de Adorno sobre Indústria Cultural e crítica estética feita por Gabriel Cohn para o volume *Theodor W. Adorno* da coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Ática, 1986. Também, MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

## FEMINISMO E SOCIALISMO

A guerra possibilitou milhões de mulheres a buscar empregos nas fábricas e nos escritórios. A partir daí, a condição feminina nunca mais seria a mesma. Desde os anos 20, já existiam mulheres que usavam vestidos e cabelos curtos, fumavam, dirigiam automóveis, frequentavam a universidade, bebiam nos bares, discutiam as novas ideias, votavam. Elas também faziam poesia, pintavam, lecionavam, trabalhavam com pesquisa científica. A arte receberia influência destas transformações.

Outra grande mudança do começo do século XX foi a Revolução Socialista na Rússia, em 1917. Ela entusiasmou intelectuais na Europa e nos EUA. Não foram poucos os que se aproximariam do Partido Comunista. Muitos escritores e artistas manifestaram simpatia pelos ideais comunistas: pintores como Picasso e Miró; diretores de cinema como Charles Chaplin, Bertolucci, Fellini, Pasolini e Eisenstein; poetas como Maiakovsky e Lorca; autores de teatro como Bertolt Brecht.

No Brasil, os comunistas fariam a cabeça de muitos intelectuais entre os anos 30 e 60: os escritores Jorge Amado, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos; os pintores Cândido Portinari e Di Cavalcanti; o arquiteto Oscar Niemeyer, o teatrólogo Dias Gomes. Fazer uma arte engajada nas mudanças sociais, ligada às lutas dos trabalhadores, foi uma das características de grande parte da arte moderna no século XX[3]. De qualquer

[3] Naturalmente, há uma distinção clara entre a arte engajada e o panfleto político sem valor artístico. Infelizmente, a mania do "politicamente correto" muitas vezes ignora essa diferença. Uma novela de tevê que contenha cenas contra a escravidão pode ser mais progressista do que os poemas de Homero, que não contestavam a sociedade escravocrata grega antiga. Mas será que a tal novela é artisticamente superior aos cantos homéricos? Nos EUA, a obsessão universitária chega a ponto de colocar Shakespeare num plano inferior ao de um escritor latino qualquer, simplesmente porque este denuncia o racismo em Los Angeles. A este respeito, Cf. BLOOM, Harold. *Cânone Ocidental. Os livros e a Escola do Tempo.* Rio de Janeiro, Objetiva, 1995, Prefácio e Prelúdio, e capítulo 1. Sobre a mesma temática, HUGUES, Robert. C*ultura da reclamação. O desgaste americano.* São Paulo, Cia. Letras, 1993.
Com a sensibilidade que a caracterizava, a escritora inglesa Virgina Woolf disse assim: "Por volta de 1910, a natureza humana mudou (...) Todas as relações humanas se modificaram – entre patrões e empregados, maridos e mulheres, pais e filhos. E,

forma, os trabalhadores já faziam parte da cena política do século, com direito a voto e reivindicação de direitos. A democracia marcava alguns pontos, não é mesmo?

## DEMOCRACIA E QUESTIONAMENTO SOCIAL

Uma influência intelectual sobre muitos povos foi a obra de Karl Marx. Artistas e escritores vão aderir ao socialismo. Muitos artistas faziam arte abertamente politizada. Esta arte não era simplesmente propaganda política ou panfleto, porque neste caso não ultrapassaria o nível utilitário. Exemplo de artista abertamente engajado na luta política, o autor e diretor de teatro alemão Bertolt Brecht marcou a arte do século XX. Assumidamente comunista, nem por isso deixou de revolucionar a dramaturgia.

Também comunista, o cineasta soviético Sergei Eisenstein é o diretor de *O Encouraçado Potemkim* que revoluciona o tempo e o espaço no cinema. Isto é, a mesma temática da física. Eisenstein mostra cenas alternadas, muda as seqüências, altera os ritmos de montagem, os enquadramentos, mostra que o espaço e o tempo da filmagem são subjetivos, com efeitos diferentes dos que a realidade provocaria. Com Eisenstein, o tempo e o espaço cinematográficos adquirem caráter político, universo por onde se inscrevem as lutas de classes[4].

## IDEOLOGIA DA RACIONALIDADE INSTRUMENTAL

Uma das ideologias dominantes na Modernidade é a da competência técnica, que estabelece que os problemas da sociedade, a rigor, não são políticos, isto é, não dependem de debates públicos, em que todos se

---

quando as relações mudam, há ao mesmo tempo uma mudança na religião, no comportamento, na política e na literatura." (*Collected Essays*. vol. 1 Londres, p. 321)

[4] Cf. MACHADO, Arlindo. *Segei M. Eisenstein*. São Paulo, Brasiliense, 1982. Para uma visão geral, ARAÚJO, Inácio. *Cinema. O mundo em movimento.* São Paulo, Scipione, 1995.

manifestam, apresentam diversos pontos de vista, experiências e necessidades. Os problemas sempre dependeriam de uma solução técnico-administrativa. Portanto, o que devemos fazer é procurar o especialista capaz de resolver o problema.

Assim, problemas que sempre demandam decisões políticas, são reduzidas ao campo administrativo. Saúde, educação, política de segurança pública sempre são mal avaliados no Brasil. Qual a razão? Sempre se diz que são motivos de ordem gerencial, uma questão de simples incompetência. Mas quase sempre o problema não são das pessoas postas no governo, sua capacidade técnica. Em geral são decisões políticas tomadas por governantes que não ouvem a sociedade civil, não fazem um debate sério com entidades civis e cidadãos sobre as prioridades e medidas a serem tomadas. "Precisamos de menos política e de mais administradores profissionais", diz a ideologia reinante, quando o problema é bem diferente: o que precisamos é de política democrática, de debates públicos.

O discurso técnico da competência estabelece as regras: devemos falar e pensar sobre o "modo tecnologicamente correto ou modo errado de resolver o problema". Na realidade, não existe uma fórmula técnica exata para solucionar os problemas sociais. As entidades da sociedade civil e os cidadãos devem se expressar, a partir do que consideram ser as necessidades sociais e paritculares imediatas e as de médio prazo. Nesse debate, os envolvidos vão tentar prever consequências, solicitar informações, escutar outros argumentos. Até que um consenso seja formado e seja suficientemente consistente para que se possa decidir. Tudo isso é que se chama de decisão política a partir da arena de discussões livres (acima indicamos que essa é a esfera pública de Habermas).

Como vimos no início do texto, o filósofo e sociólogo alemão J. Habermas mostrou que no Estado moderno ocorreu a gradual ascensão da esfera privada do público, ou seja, da importância pública da esfera privada (no sentido de não

ser estatal. Isso significa que os debates do governo e dos tribunais não podem mais ser ocultados, devem ser abertos ao conhecimento dos cidadãos. Habermas diz ainda que o surgimento da esfera pública (e o papel da imprensa comercial nesse processo faz parte das mudanças na ligação Estado e Sociedade Civil.

Mas é bom deixar claro que o próprio Habermas faz uma crítica ao desenvolvimento atual desse processo. Ele diz que esse debate social hoje é excessivamente gerenciada pelas empresas privadas de comunicação. Os teóricos da comunicação falam inclusive num fenômeno da "agenda setting", que é o poder que o jornalismo, em especial, e os meios de comunicação, em geral, de impor as pautas que vão ser consideradas relevantes à opinião pública. A mídia controlaria ainda o viés (ângulo de abordagem do debate público.

Por exemplo, os meios de comunicação selecionam as vozes autorizadas e os especialistas que devem opinar sobre essas pautas impostas como relevantes, além de os colocando para falar em nome do cidadão. Na crítica desse processo, ele aponta como central o fato de as empresas de jornalismos serem negócios privados, portanto, viverem as ambiguidades de estarem cindidas entre o público (prestam o serviço de divulgar as informações de interesse público e o privado (serem empresas que visam ao lucro e têm interesses particulares na cena política. Assim, Habermas diz que os meios de comunicação são capazes de produzir/constituir aquilo que é tornado público. Ele analisa o jornalismo e os meios de comunicação no papel de protagonista na cena social e política, e não simplesmente como uma tecnologia que apenas transmite ou reproduz as informações (conhecido no meio acadêmico como "teoria do espelho", ou seja, a ideia de que os media apenas refletem a realidade, sem interferir nela).

## APLICAÇÃO INDUSTRIAL E A ARTE: GROPIUS E A *BAUHAUS*

A indústria influenciou a arte modernista, mas o inverso também ocorreu. Pioneiro, o arquiteto alemão Walter Gropius criou um estilo de construção de prédios funcionais, simples, práticos e sem enfeites superficiais: arte na era da máquina[5]. Projetos de fábricas, prédios públicos e edifícios das cidades modernas, com concreto armado, janelas e pronto, todos são inspirados em sua obra.

Mais tarde, Gropius foi diretor da célebre *Bauhaus*, a escola que visava a utilizar a arte para criar objetos fabricados. A beleza e a funcionalidade entrelaçadas. Nascia o *desenho industrial*. Agora, uma cadeira, um ferro de passar roupa, uma janela, um copo, uma geladeira seriam desenhados com intenções de beleza, simplicidade e utilidade.

Ícone da cultura norte-americana, o automóvel é o melhor exemplo. Ele simboliza tudo que oferece a civilização burguesa: o conforto, a individualidade, rapidez, a ascensão social, o sucesso, a virilidade. Mas não se faz apenas um veículo sobre quatro rodas, é preciso que ele tenha um *design*, um estilo, uma certa *personalidade*. Aí aparece não apenas a importância do desenho industrial, mas a própria transformação do objeto cotidiano em arte: tal como as roupas, os tipos de prédios e as pinturas, os automóveis também tiveram desenhos que acompanharam a moda. Até que ponto é possível ainda discernir o limite entre tecnologia e estética? Existe claro, um terceiro e decisivo elemento nessa reunião: mercado. Arte, mercado e tecnologia vão se expressar por meio da

[5] GROPIUS, Walter. *Bauhaus: Novarquitetura*. São Paulo, Perspectiva, 1972. Agrupa ensaios do fundador da célebre escola de arquitetura de Berlim, a Bauhaus, berço do desenho industrial e da arquitetura moderna. Transmitem com clareza o projeto de uma arquitetura que relaciona a funcionalidade com a estética. Para compreender o estilo modernista na arquitetura, PEVSNER, Nikolaus. *Panorama da Arquitetura Ocidental*. São Paulo, Martins Fontes, 1982, capítulo 9. ZEVI, Bruno. E *A Linguagem Moderna da Arquitetura.* Lisboa, D. Quixote, 1984. FRY, Maxwell. *A Arte na Era da Máquina.* São Paulo, Perspectiva, 1976.

publicidade comercial, que, já a partir dos anos 1960s, serão a expressão midiática da sociedade do espetáculo. Assim, a lógica do mercado e da publicidade vai "colonizar" outras formas de expressão, como a arte, o jornalismo ou a política (estar na mídia vira o grande objetivo dos políticos e de várias organizações).

Esse conceito de "colonização" vem também do filósofo e sociólogo alemão Habermas. Ele diz que um domínio da sociedade coloniza o outro quando aquele primeiro domínio impõe suas regras de funcionamento sobre o domínio colonizado[6]. Habermas criticava por exemplo como a lógica do dinheiro (domínio econômico) ou do poder (no sentido de coação, do domínio político) podem invadir a esfera moral, as decisões do cotidiano[7].

Do mesmo modo, pode-se pensar da lógica de encenação dos meios de comunicação ditando normas para a vida política. A lógica mediática é a de se impor como o filtro soberano na seleção e na apresentação das informações de interesse público. Mas, nesse processo, entre outras coisas pelas próprias rotinas de produção, os meios de comunicação simplificam a realidade, ao mesmo tempo que disputam a atenção do público, em busca de audiência. A "atmosfera de consumo" orienta em grande parte as decisões dos meios de comunicação. Podemos chamar isso de lógica "publicitária" ou de "entretenimento".

Como afirma o teórico da comunicação Muniz Sodré, a publicidade torna-se "a mídia que engole todas as mídias", no sentido de que passa a "colonizar" (no sentido de Habermas) a lógica das outras formas de expressão. Antes de vender um serviço ou produto, a publicidade passa a promover e vender a própria imagem das organizações e empresas.

---

[6] Está na Teoria da Ação Comunicativa, capítulo VI-2.

[7] Obras do filósofo coreano Byung-Chul-Han, por exemplo, descrevem como valores do neoliberalismo têm moldado um sujeito posmoderno que não opera segundo a lógica do poder disciplinar, mas gerencia sua subjetividade como uma empresa, com padrões de investimento, metas de desempenho etc. Essa trasnformação leva o filósofo a classificar as sociedades contemporâneas como marcada pela depressão: são sociedades "do cansaço", "do desempenho", "da transparência", onde os sujeitos veem assim mesmos como responsáveis únicos por seus fracassos.

## NEOLIBERALISMO E POSMODERNISMO

No final do século XX, o Estado de bem-estar social perdeu prestígio para as ideias neoliberais. Margareth Tacher, na Inglaterra, e Ronald Reagen, nos EUA, venceram no voto popular e iniciaram uma série de medidas de austeridade, corte de direitos, desautorização dos sindicatos, redução de impostos dos mais ricos, redução de programas sociais. Essas medidas se tornaram modelo para os governos, que crescentemente adotaram o neoliberalismo, em especial a partir dos anos 1990 em diante, com duas mudanças, política e econômica. A política foi a queda do regime comunista da União Soviética e da Europa Ocidental. A econômica foi o acelerado processo de globalização dos mercados e das comunicações.

Ao mesmo tempo, esse mundo posmoderno viu emergir novas formas de luta política. Os novos atores faziam lutas ditas moleculares ou identitárias: movimento negro, gays, mulheres faziam reivindicações por emancipação e igualdade. O fim do socialismo alterou a consciência também a respeito da democracia. Não se falava mais em "democracia burguesa". Havia a consciência de a democracia é um valor universal, independe do sistema econômico. Capitalismo ou socialismo, qualquer sistema é melhor se houver respeito à dignidade humana, liberdade e tratamento justo e igualitário.

Esse sentido passou a guiar as lutas globais. Sim, exatamente. A criação de um mercado global criou também uma cidadania global, facilitada pelas novas tecnologias de comunicação. Evidentemente, essa cidadania global se manifestou no consumo, umas das questões mais importantes da nossa sociedade. Movimento de consumidores contra abusos de empresários ficaram famosos. Marcas como Nike, Zara e outros foram boicotados internacionalmente, acusados de exploração de trabalho infantil. As empresas

passaram a assumir compromissos de responsabilidade social, a associar às marcas comportamentos e valores éticos.

Bom, após todo esse panorama, acho que já deu para perceber que a democracia deixou de ser pensada como um sistema político para estar nas nossas relações culturais e interpessoais. Votar não é democracia, é parte dela. Uma eleição legítima e com ampla participação faz parte da cidadania política, mas não é toda a cidadania, palavrinha que cada vez mais se confunde com democracia. Afinal, só há verdadeiramente democracia onde há cidadãos empoderados, opinião pública ativa, imprensa livre e eleições justas, claro.

Então pense: você tem sido democrático? Respeita as diferenças? É tolerante com todas as religiões? Considera que a opinião do outro tem importância, por mais que você discorde dele? Você respeita o gosto musical, de filmes, enfim, culturais de quem não gosta das mesmas coisas que você? As eleições do seu país são limpas e justas? Os recursos e serviços públicos são distribuídos de acordo com a necessidade e interesse dos cidadãos da cidade? Os políticos eleitos prestam contas da sua atuação parlamentar ou de governo? Se você pode responder de forma positiva a essas perguntas, você terá noção exato do grau de democracia em que vive ou do quanto ainda tem que caminhar para ser democrata...

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização, as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

MACHADO, Arlindo. *Segei M. Eisenstein*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

BRADBURY, Malcom & McFARLANE, James. *Modernismo. Guia Geral.* São Paulo, Cia. das Letras, 1989.

COELHO, Teixeira. *O que é Indústria Cultural.* Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense

COHN, Gabriel. *Theodor W. Adorno* São Paulo, Ática, 1986(Coleção Grandes Cientistas Sociais).

DUBY, Georges & ARIÈS, Philippe. *História da vida privada. Vol.5* São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.* São Paulo, SESC/Studio Nobel, 1997 (Coleção Megalópolis).

FRY, Maxwell. *A Arte na Era da Máquina.* São Paulo, Perspectiva, 1976.

GROPIUS, Walter. *Bauhaus: Novarquitetura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

HABERMAS. *Mudança estrutural na esfera pública.* São Paulo, Tempo Brasileiro, 1984.

_____. *Teoria do agir comunicativo-Vol. 1: racionalidade da ação*. São Paulo, Martins Fontes, 2019.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991.* São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin. O marxismo da melancolia.* Rio de Janeiro, Campus, 1988

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.